

## **2º DOMINGO APÓS EPIFANIA**

**18 DE JANEIRO DE 2026**

**JOÃO 1.29-42a**

### **1 ANÁLISE DOS TEXTOS DO DIA: O SERVO DO SENHOR E O CORDEIRO DE DEUS!**

#### **1.1 Salmo 40.1-11**

O Salmista espera com paciência a ajuda do Senhor. E ele não saiu decepcionado pois o Senhor lhe socorreu e lhe ajudou livrando do perigo e deixando em segurança. Ele recebe um novo cântico de louvor para proclamar as maravilhas e planos de Deus, que são numerosos e maravilhosos. O salmista destaca a felicidade de confiar em Deus ao invés de adorar outros deuses falsos. Deus não quer sacrifícios, mas obediência, confiança sincera. O salmista sabe que o Senhor nunca deixará de ser bondoso, pois seu amor e sua bondade sempre lhe guardarão seguro!

#### **1.2 Isaías 49.1-7**

O servo escolhido por Deus desde o ventre materno, que foi preparado para realizar a missão de restaurar Israel e ser luz as nações. O servo reconhece que seu trabalho pode parecer inútil, mas ele sabe que Deus o defenderá e o recompensará. Contudo, o servo não apenas trará restauração, como também será luz afim de levar salvação para todos. E mesmo desprezado e odiado, reis e príncipes verão seu poder e se ajoelharão aos seus pés em sinal de respeito.

#### **1.3 1 Coríntios 1.1-9**

O Apóstolo Paulo lembra que todos os irmãos foram chamados por Deus para ser um povo santo e unido em Jesus Cristo. Mesmo com problemas e divisões na igreja, Deus é fiel e continuará sustentando os cristãos até estarem em comunhão plena com Jesus no dia da sua volta.

#### **1.4 João 1.29-42a**

João Batista vê Jesus e o chama de “Cordeiro de Deus”, aquele que tira o pecado do mundo. João Batista testemunha que viu o Espírito Santo descer sobre Jesus no batismo, confirmando que Ele é o Filho de Deus. No dia seguinte, dois discípulos de João ouvem isso e começam a seguir Jesus.

## **2 APROFUNDAMENTO DO TEXTO BÍBLICO**

#### **2.1 João 1.29-42a**

**v.29** - A expressão “no dia seguinte” indica uma sequência em relação ao encontro anterior de João Batista com a delegação de Jerusalém. É possível que algum tempo tenha se passado desde o batismo de Jesus, e agora ele retorna, sendo identificado publicamente por João. Antes, João ainda não sabia quem era o Messias prometido, mas agora o reconhece por meio do sinal recebido de Deus.

A saudação “Eis o Cordeiro de Deus” soa surpreendente — especialmente para os ouvintes originais, que não tinham ainda a compreensão cristã posterior. Embora hoje o título nos soe familiar, à época era uma imagem nova e criativa. Há diversas tentativas de identificar suas origens — desde tradições apocalípticas judaicas, nas quais o

Messias podia ser simbolizado por um cordeiro, até o uso posterior do Apocalipse, onde o Cordeiro é figura vitoriosa, mas que vence pela morte.

A escolha da palavra *amnos* (“cordeiro”) — usada apenas aqui e em Apocalipse — sugere uma conexão simbólica profunda. João pode ter pensado no cordeiro providenciado por Deus em Gênesis 22.8 ou no cordeiro pascal da libertação do Egito, lembrado na Paixão (Jo 19.36). Entretanto, o cordeiro do Êxodo não era oferta pelo pecado. O paralelo mais forte está com o Servo Sofredor de Isaías 53, “levado como cordeiro ao matadouro” e entregue “como oferta pelo pecado”. Assim, o “Cordeiro de Deus” expressa a ideia de substituição e expiação.

O verbo usado, *airō* (“tirar”, “remover”), reforça essa noção: o Cordeiro não apenas carrega o pecado, mas o remove, libertando o mundo de sua culpa. O alcance é universal — o “mundo” (*kosmos*) inclui toda a humanidade, antecipando o tom universal do Evangelho de João e de suas cartas.

Em suma, João Batista apresenta Jesus como aquele que vem eliminar o poder do pecado, oferecendo redenção a todos. O título “Cordeiro de Deus” concentra, de forma profética, o coração do evangelho: a vitória por meio do sacrifício.

**v.30** - João agora aponta para Jesus, para a identidade daquele que vem.

**v.31** - João só soube quem era “Aquele” que vem, quando testemunhou o sinal prometido. Mas ele sabia que a intenção de Deus era que seu ministério de batismo servisse como cortina que se abre para a manifestação pública daquele que vem.

**v.32** - João Batista recorda o sinal que confirmou a identidade de Jesus: a descida do Espírito sobre ele. O evangelho de João não menciona explicitamente o batismo de Jesus, talvez porque o foco aqui não está no ato em si, mas no significado do evento. O detalhe central para João é a manifestação do Espírito — o sinal que autenticou Jesus como o Enviado de Deus.

A descida do Espírito indica que Jesus é aquele sobre quem repousa o Espírito prometido nas profecias de Isaías. Ele é o rebento de Davi sobre quem “repousará o Espírito do Senhor” (Is 11.1–2), o Servo escolhido, em quem Deus “põe o seu Espírito” (Is 42.1), e o Ungido que proclama libertação (Is 61.1). Assim, o testemunho de João Batista liga Jesus às figuras messiânicas e proféticas do Antigo Testamento, apontando-o como o verdadeiro Ungido — o Cristo.

Os evangelhos sinóticos relatam que o Espírito desceu “como pomba”, e embora esse símbolo não seja comum no judaísmo antigo, ele expressa bem a suavidade e a pureza do Espírito de Deus. Desde cedo, alguns rabinos associaram o Espírito que “pairava sobre as águas” na criação (Gn 1.2) ao movimento de uma pomba, o que reforça a ideia de nova criação em Cristo.

Portanto, a descida do Espírito marca o início público da missão messiânica de Jesus. Ele é aquele que foi ungido não com óleo, mas com o próprio Espírito Santo — sinal da aprovação divina e da plenitude do poder de Deus em sua vida e ministério.

**vv.33-34** - João Batista reafirma que, até o momento do batismo, não sabia quem seria o Enviado de Deus. A revelação veio através do sinal prometido: o Espírito descendo sobre Jesus. Essa manifestação transformou a incerteza de João em plena convicção — ele agora reconhece Jesus como “aquele que batiza com o Espírito Santo”.

Surge aqui o contraste com o batismo de João: “Eu batizo com água” (v.26). O batismo de Jesus é de outra ordem — espiritual e transformador. O profeta Ezequiel havia anunciado uma restauração em que Deus purificaria o povo com água e colocaria dentro dele o seu próprio Espírito (Ez 36.25–27). João, portanto, preparava o terreno para essa promessa, mas somente Cristo poderia efetivamente conceder o Espírito de Deus.

Aquele que recebeu a unção do Espírito é o único capaz de transmiti-lo. No entanto, o evangelho ressalta que a plenitude dessa dádiva só se concretizaria após a glorificação de Jesus (Jo 7.39), quando o Espírito seria derramado sobre os crentes.

O testemunho de João se encerra com a confirmação solene: Jesus é o Filho de Deus. A descida visível do Espírito e a voz do céu validam essa verdade. O título “Filho de

Deus”, mencionado no Salmo 2.7, aplica-se ao Messias escolhido, mas em Jesus adquire um sentido muito mais profundo — não apenas oficial, mas essencial.

Nos evangelhos, percebemos que essa filiação é o núcleo da identidade e da missão de Cristo. Ele age como Messias porque é, antes de tudo, o Filho eterno do Pai. Sua comunhão única com Deus fundamenta todo o seu ministério. O quarto evangelho enfatiza essa relação de modo especial: o Filho é aquele que revela plenamente o Pai (cf. Mt 11.27; Lc 10.22).

Assim, João Batista conclui seu testemunho com duas grandes declarações: Jesus é o Batizador com o Espírito Santo e o Filho de Deus — títulos que, juntos, revelam sua autoridade divina e sua missão redentora.

**vv.35-37** - (Os primeiros discípulos): No “dia seguinte”, após o testemunho sobre Jesus como o Cordeiro de Deus, João Batista aparece novamente com dois de seus discípulos. A sequência precisa de dias nesta parte do evangelho (1.29, 35, 43; 2.1) sugere um relato de testemunha ocular, alguém que recordava com nitidez o primeiro encontro com Jesus — possivelmente o próprio autor do evangelho, que teria sido um dos dois discípulos mencionados.

João Batista, ao ver Jesus passar, repete sua confissão: “Eis o Cordeiro de Deus”. A insistência na mesma expressão reforça a importância do título e o papel de João como aquele que direciona seus seguidores para o verdadeiro Messias. O testemunho do profeta não busca atrair discípulos para si, mas conduzi-los a Cristo.

Os dois discípulos ouvem a declaração e imediatamente seguem Jesus. O verbo “seguiram”, no grego, indica mais do que simplesmente caminhar atrás de alguém — sugere o início de um novo relacionamento de discipulado. Eles passam de ouvintes de João a seguidores de Jesus, num movimento de fé e obediência.

Embora ainda não compreendessem plenamente o sentido teológico de “Cordeiro de Deus”, entenderam o essencial: João apontava para aquele que era o Enviado divino, o Esperado que havia de vir. Movidos por esse reconhecimento inicial,

decidiram aproximar-se dele, dando o primeiro passo de uma jornada que transformaria suas vidas.

**vv.38–39** - Quando os dois discípulos começaram a seguir Jesus, ele se volta e lhes pergunta: “O que vocês procuram?”. A pergunta não tem o propósito de obter informação, mas de convidá-los à reflexão e ao diálogo. Jesus sabia o que buscavam — desejavam conhecê-lo mais de perto —, mas sua resposta lhes dá a oportunidade de expressar esse anseio. Com certa reverência, chamam-no de Rabi, título que o evangelista traduz para seus leitores gregos. Embora o termo tenha ganhado um sentido técnico entre os mestres judeus, aqui é usado como sinal de respeito e reconhecimento de Jesus como mestre divinamente enviado.

Eles perguntam onde Jesus morava — não apenas por curiosidade, mas como forma delicada de pedir mais tempo com ele. O convite de Jesus, “Vinde e vede”, é simples e acolhedor, revelando o modo como ele se relaciona: não impõe, mas convida. A experiência de estar com ele, ainda que por algumas horas, transforma completamente aqueles primeiros discípulos.

O evangelista registra até o detalhe da hora — “era quase a décima” (por volta das 16h) —, um sinal da memória vívida de quem participou daquele encontro. O conteúdo da conversa não é revelado, mas o resultado é claro: o testemunho de João Batista se confirma. Eles reconhecem em Jesus o Messias esperado. O encontro pessoal com Cristo torna-se o ponto de virada — o momento em que a fé nasce da convivência direta com o Senhor.

**vv.40-42** - Entre os dois discípulos que haviam seguido Jesus, o evangelista identifica André, irmão de Simão Pedro. O destaque dado ao parentesco mostra como o nome de Pedro já se tornara amplamente conhecido na comunidade cristã, ainda que, cronologicamente, André tenha sido o primeiro a encontrar o Messias. O outro discípulo permanece anônimo, possivelmente o próprio autor do evangelho.

A primeira reação de André, depois do encontro transformador com Jesus, foi buscar o seu irmão. Ele anuncia com alegria: “Achamos o Messias” — termo hebraico que o evangelista traduz por Cristo, o Ungido. No Antigo Testamento, esse título designava o rei, o sacerdote ou o profeta consagrado por Deus, mas em Jesus encontra-se a plenitude dessas três funções: Ele é o verdadeiro Rei, Sacerdote e Profeta do povo de Deus.

Nesse primeiro momento, André e os demais discípulos ainda não compreendiam toda a dimensão espiritual do Messias; sua visão estava moldada pelas expectativas nacionais de Israel. No entanto, o encontro com Jesus começou a redefinir o conceito que tinham do Ungido — de um libertador político para um Redentor universal.

Quando André conduz Simão a Jesus, o Mestre imediatamente discerne seu potencial e lhe dá um novo nome: Cefas (em aramaico, “rocha”), traduzido em grego como Pedro. O novo nome é simbólico — revela o propósito de Cristo para a vida de Simão e antecipa o papel que ele desempenharia na formação da Igreja. Jesus vê não apenas quem Simão é, mas quem ele se tornará pela ação transformadora da graça.

Assim, este breve encontro encerra a primeira sequência do evangelho: o testemunho de João Batista leva dois discípulos a Cristo; um deles traz seu irmão; e Jesus começa a formar, pedra por pedra, a comunidade do novo povo de Deus.

### 3 CONEXÃO ENTRE AS LEITURAS

As leituras deste final de semana se unem na revelação da pessoa de Jesus Cristo como o Servo ungido de Deus, aquele que cumpre as antigas promessas e inaugura um novo relacionamento entre Deus e o seu povo.

Em Isaías 49.1–7, encontramos o Servo escolhido desde o ventre materno, chamado para restaurar Israel e ser luz para as nações. Embora desprezado, ele realiza sua missão com fidelidade, trazendo salvação até os confins da terra. Essa figura encontra pleno cumprimento em João 1.29–42a, onde Jesus é identificado por João

Batista como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. A imagem do Cordeiro une o sacrifício e a obediência do Servo sofredor de Isaías 53, o mesmo que “foi levado como cordeiro ao matadouro” à missão messiânica de Jesus, o Ungido que batiza com o Espírito Santo.

O Salmo 40.1–11 ecoa essa mesma espiritualidade do Servo obediente. O salmista declara que Deus não se agrada de sacrifícios exteriores, mas de um coração disposto a fazer a sua vontade. Essa obediência perfeita é vista em Cristo, que veio não para oferecer meros rituais, mas para realizar a vontade de Deus em sua vida e morte (cf. Hb 10.5–10). Assim como o salmista recebe um “novo cântico”, também os discípulos, ao encontrarem o Messias, são transformados e passam a proclamar suas maravilhas, André, por exemplo, não consegue guardar a boa notícia e leva seu irmão Pedro a Jesus.

Na primeira carta aos Coríntios (1.1–9), Paulo recorda que todos os cristãos são chamados à comunhão com o Filho de Deus e à santidade que deriva dessa união. A comunidade de Corinto, mesmo imperfeita, vive da fidelidade de Deus, que sustenta os que foram chamados assim como o Servo foi sustentado pelo Espírito. O chamado dos primeiros discípulos em João 1 mostra o início concreto dessa comunhão: eles deixam o antigo mestre para seguir o Cordeiro, permanecem com ele, e descobrem que o Messias não apenas purifica com água, mas concede o Espírito da nova vida.

Rev. Lucas R. Hirch

Nova Petrópolis/RS